

Imagem exterior

Thamy Lobo
Fernanda Cavalcanti de Mello

Escolas do Sul e ano co-letivo

“**P**assar de ano” costuma ser um dos objetivos de estudantes.

Isso significa mais do que ter frequência para cumprir as horas/aulas do calendário, abrange também avaliações e critérios de aprovação definidos pelo sistema educacional. Mas, de repente, novas questões surgiram no cenário. Esta situação ficou evidente em 2020, frente à pandemia da COVID-19. O ano escolar é co-letivo! Envolve pais, estudantes e toda a comunidade, seja na oferta pública ou privada de educação. Não se faz uma escola só com docentes e discentes.

Em 2020, professores, pais, diretores e todos as/os profissionais da educação estão sendo desafiados devido à ameaça em forma de vírus que atravessa o mundo e que fez diversos serviços pararem temporariamente, inclusive as redes escolares. Quer dizer, pararem presencialmente. As escolas são muito mais que prédios e como sempre acontece na história, se reinventam e se adequam, mas não param. Os ‘*espaçotempos*’ escolares, assim como os de outros setores encontraram no virtual, possibilidades de estar junto.

O pensador indígena Ailton Krenak mencionou em uma entrevista ao jornal *Estado de Minas*, que “o vírus está discriminando a humanidade”. Mas se ampliarmos a questão e pensarmos nos diferentes grupos de seres humanos existentes, veremos que uns são

mais discriminados que outros. Pessoas que já sofrem com a desigualdade social e com o acirramento da lógica capitalista, 'vírus', que já lidamos faz tempo, penam com as consequências, inclusive econômicas que a doença traz. Sendo assim, olhamos para os países do sul, parte da América que é múltipla e colorida e que bem entende de diferenças e de suas mazelas.

Em um encontro recente, reunindo professores de diferentes países das Américas, intitulado *Ciclo de Charlas: Conversaciones Necesarias, Educación y Escuela en tiempos de pandemia*, foi apresentado um panorama sobre soluções do impasse do fechamento das escolas para aulas presenciais, resistência às empresas privadas no gerenciamento do ensino remoto, discussões sobre validade de aulas remotas e a dura realidade do Estado não atender adequadamente, nem à demanda da escola presencial, nem as aulas remotas.

Imagem 1: Folder do Ciclo de Charlas



Fonte: Divulgação Institucional FFP/UERJ

Nem todos os estudantes têm computadores, celulares e acesso à internet em casa. Apesar das diferentes perspectivas em cada país da América Latina, há a necessidade de uma pauta urgente de solidariedade para o combate ao vírus e visibilidade da potência da escola, em período de isolamento social.

Em outro encontro realizado pela Faculdade de Educação da UERJ, a pesquisadora argentina Carina Kaplan, convidada especialmente para estabelecer uma conversa internacional acerca desses atravessamentos de educação e vírus, inspirada no livro de Ailton Krenak: *Ideias para adiar o fim do mundo*, trouxe em seu relato a defesa de um “currículo de emergência”, em que o principal seja que os processos de aproximação com estudantes se estabeleçam de modo mais afetivo neste período difícil.

Imagem 2: Folder da conversa com Carina Kaplan

Fonte: Divulgação Institucional

PROPED/UERJ



No Brasil, há relatos de professores, diretores, estudantes e pais lidando com as escolas, neste período de isolamento. Para muitos faltam equipamentos, conexão e, às vezes, até um espaço adequado para a concentração nos estudos e realização de atividades. Para àqueles que geralmente possuem acesso às salas de aula com muito custo, o ensino remoto, torna-se ainda mais difícil. Assim, neste ano co-letivo, aprendemos outras indisciplinas-manifesto, como por exemplo, reivindicar acesso à conexão de alta qualidade para todos, acolhimento como direito, não às aulas presenciais, mas sim à vida e valorização das chamadas “gambiarrras”, as táticas (CERTEAU, 2012) que os usuários vão inventando para se conectarem, para flexibilizar não os cuidados com o vírus, mas o compromisso com os conteúdos curriculares, como ir à laje, devido à conexão melhor, fotografar o

caderno para enviar a atividade realizada, caminhar até um lugar que tenha conexão *wi-fi* gratuita, entre outros.

Trouxemos neste texto as imagens de convites de dois encontros que aconteceram remotamente e gostaríamos de finalizar com o que consideramos mais importante: a potência dessas imagens. *Folders* de divulgação de eventos não surgiram na pandemia, porém em tempos de isolamento social, convites para reuniões à distância acerca da educação ainda mais com colegas latinos são possibilidades de encontros em tempos tão difíceis. Assim temos esperança e vamos adiando à nossa desistências às dificuldades que o hoje nos apresenta. Afinal, no ano coletivo a matéria principal é sobreviver.

REFERÊNCIAS:

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano 1: artes de fazer. 19a. ed.

Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

CICLO DE CHARLAS: Conversaciones Necesarias. Educación y Escuela en tiempos de pandemia. Crisis mundial. La escuela en contexto de pandemia. Formacion y pratica docente. ISFD nº 9

CONVERSAS INTERNACIONAIS “para adiar o fim do mundo”. Kaplan, Carina. Live promovida por ProPEd. Agosto 2020

MAAKAROUN, Bertha. “O modo de funcionamento da humanidade entrou em crise” opina Ailton Krenak. Jornal Estado de Minas. Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2020/04/03/interna_pensar,1135082/funcionamento-da-humanidade-entrou-em-crise-opina-ailton-krenak.shtml. Acesso em 13 ago. 2020.

Sobre as autoras:

Fernanda Cavalcanti de Mello - Jornalista, professora da educação básica do Estado do Rio de Janeiro. Doutoranda em Educação no Programa Processos Formativos e Desigualdades Sociais- FFP/UERJ.

Thamy Lobo - Formada em Letras, instrutora da ONG São Martinho. Mestranda em Educação no Programa Processos Formativos e Desigualdades Sociais- FFP/UERJ.